

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”



Emancipação Socialista



@emancipacaosocialista

Nº 29

01/03 a 30/04/2024

R\$ 2

O GOVERNO NEOLIBERAL DE MILEI CONDENA O POVO ARGENTINO À MISÉRIA



2

**AS TRAGÉDIAS AMBIENTAIS
NÃO SÃO NADA NATURAIS**

3

**VIOLÊNCIA CONTRA AS
MULHERES INDÍGENAS**

4

**GOVERNO MILEI NA
ARGENTINA**

6

**ESTUDANTES DA UFRJ LUTAM
POR MELHORIAS NO PRÉDIO**

7

A IDOLATRIA AOS ARTISTAS

Formação

**MOVIMENTO ECOLÓGICO E
CAPITAL**

2024 COMEÇOU COM MAIS TRAGÉDIAS “NATURAIS” E “AMBIENTAIS”

A cada início de ano, tragédias ambientais ocorrem. A grande maioria delas é provocada pelas chuvas de verão e dos desabamentos e enchentes delas decorrentes. Nas primeiras duas semanas de 2024, as populações de São Paulo e Rio de Janeiro enfrentaram perdas materiais e de vidas (500 desabrigados e 4 mortos em São Paulo; e 27 mil desalojados, 927 desabrigados e 12 mortos no RJ), após as fortes chuvas.

Somente no ano passado, o Brasil somou 716 desastres hidrológicos (enxurradas, inundações e alagamentos), além de 445 desastres geológicos (erosões, deslizamentos e afundamentos), que deixaram 132 mortos, 9.263 feridos, 74.878 desabrigados e 524.863 desalojados. E nos últimos 32 anos, as tragédias provocadas por chuvas tiveram como consequências no país 4.111 óbitos.

DESASTRES AMBIENTAIS SÃO “NATURAIS” E “INEVITÁVEIS”?

Esses desastres ambientais são passados como “naturais” e “inevitáveis” pelos grandes meios de comunicação e também pelos governantes, que nada fazem para evita-los. Ou até são coniventes como no caso do ocorrido em, 2019, em Brumadinho (MG), que acabou deixando 270 mortos, por responsabilidade da mineradora Vale, a mesma empresa (privatizada no governo Fernando Henrique Cardoso em 1997) que com a Samarco e a BHP, foram as responsáveis pela tragédia de Mariana (MG), em 2015, quando morreram 19 pessoas. A Vale, a Samarco e a BHP continuam impunes, em Mariana e a multa de R\$ 37 bilhões para Vale, no ocorrido em Brumadinho, “ficou barato”, graças também à colaboração do Poder Judiciário mineiro.

Já outra mineradora, a Braskem, em Maceió (AL), com o objetivo da extração de sal gema, provocou a abertura de uma cratera de 300 metros de diâmetro no bairro do Mutange,

em final de 2023. O acordo de indenização para a Braskem foi de somente R\$ 1,7 bilhão. O governo de Alagoas pediu revisão do acordo e Justiça Federal de Alagoas negou o pedido. O colapso da mina afetou 148.400 pessoas.

No Amazonas, região historicamente com altos índices pluviométricos, a tragédia ambiental teve outro viés: uma seca, no segundo semestre do ano passado, atingiu 62 municípios e afetou mais de 637 mil pessoas. Paralelamente à seca no Norte, chuvas acima da média atingiram o sul do país. Desequilíbrios ambientais como esses, anormais, têm ocorrido em função do modelo do agronegócio (um dos setores mais dinâmicos da burguesia brasileira e que controla partes importantes do aparelho de Estado do nosso país) que é responsável pela emissão de gases do efeito estufa, com resultados drásticos no clima, o que soma ao uso de defensivos agrícolas e agrotóxicos, que aumentam o desequilíbrio ambiental.

A CLASSE TRABALHADORA E A POPULAÇÃO POBRE VIRAM ESTATÍSTICAS NAS VÍTIMAS DOS “DESASTRES NATURAIS”

Esse quadro trágico de norte a sul do Brasil atinge em cheio somente a imensa população trabalhadora e mais pobre, que mora em locais de moradia precários. Os desastres chamados naturais atingiram 93% dos municípios, nos últimos dez anos, e mais de 4,2 milhões de pessoas tiveram que deixar a sua própria casa.

Registre-se que essa imensa massa de pessoas atingidas ou com possibilidades de ser atingidas pelas chamadas tragédias naturais e ambientais é a que já sente o massacre provocado pelos baixíssimos salários e pelo descaso do poder público (no saneamento básico, hospitais e educação públicas) e que também padece pela precarização de outros



serviços prestados, como os fornecimento de energia elétrica, gás encanado, água potável e transportes, precarização essa intensificada com o processo de privatização de empresas estatais que atuavam nesses serviços.

Chama a atenção que o orçamento da União teve destinado em 2023 somente R\$ 1,17 bilhão para ações contra desastres naturais e foi o menor orçamento com essa destinação, em 14 anos, segundo a Associação Contas Abertas, especialistas em orçamentos públicos. Em contrapartida, o Orçamento de 2024, proposta do governo federal e aprovado pelo Congresso federal, prevê despesas de R\$ 5,5 trilhões para refinar a dívida pública com os banqueiros privados, estrangeiros ou brasileiros, que, em outubro do ano passado, chegou a 74,7% do PIB (Produto Interno Bruto Brasileiro).

Estes números mostram as prioridades do Estado brasileiro (Governos federal, estaduais e municipais; Congresso federal, Assembleias Legislativas estaduais e Câmaras municipais; Judiciário federal e estaduais; Forças armadas e policiais estaduais). Como ele é controlado por bancos internacionais e nacionais, grandes corporações (como a Vale, a Samarco, a BHP, a Braskem, entre outras empresas estrangeiras e brasileiras), pelo agronegócio, ele procura garantir e defender os lucros e interesses desse pequeno número de parasitas. Pessoas bilionárias que se lixam para situação de miséria e precarização da imensa maioria dos brasileiros.

ASSASSINATO DE MULHERES INDÍGENAS, CRISE HUMANITÁRIA E A EXPROPRIAÇÃO DE RIQUEZAS



A violência e o extermínio de populações indígenas no Brasil não são de hoje. Em todas as regiões do país são mortas e expulsas de suas terras.

As invasões de pecuaristas, fazendeiros, industriais e banqueiros para tomar as terras indígenas, escravizar a mão de obra e expropriar as riquezas naturais e minerais têm intensificado os conflitos, as várias formas de violência e a miséria dessas populações. Também têm trazido doenças (malária, desnutrição, HPV, etc.). Entre 2019 e 2022, cerca de 3.600 crianças indígenas de 0 a 4 morreram de desnutrição, doenças e contaminadas (CIMI). A contaminação de rios por mercúrio afeta diretamente a vida dessas crianças, o leite materno, leva ao aborto, etc.

Têm aumentado os homicídios, os suicídios e o feminicídios, inclusive o feminicídio político (lideranças, parteiras, rezadeiras, etc).

Entre 2000 e 2020 o feminicídio de mulheres indígenas no Brasil aumentou 167% (Instituto Igarapé). Em 2022, em Roraima, por exemplo, foram registrados 726 casos de estupros (Numur). Tudo isso sem contar as subnotificações das denúncias (distância entre comunidades e delegacias, a língua portuguesa, etc.)

A resistência à violação ou “à venda” do corpo, a resistência por preservar a vida, a ancestralidade, o território, os recursos naturais e a necessidade da luta organizada têm feito com que as mulheres indígenas

tenham sido as principais vítimas dos conflitos agrários (Terra Jan/2024). Todas essas violências contra as mulheres indígenas são encontradas em todas as regiões do país como as ocorridas: em Roraima (senhora Yanomami por desnutrição, 2023); no Mato Grosso do Sul (feminicídio da adolescente Kaiowá, 2023); no Rio Grande do Sul (menina Kaingang numa disputa por terra); em Minas Gerais (estupro de adolescente Xacriabá, 2023) ou como ocorreu na Bahia (liderança Pataxó por resistir à suposta reintegração de posse, 2024).

Além de representar a deterioração do sistema capitalista e o aprofundamento da degradação causada pelo patriarcado, representa também a necessidade de dizimar de diversas formas as populações indígenas, inclusive, através da limitação da procriação.

AS LEGISLAÇÕES FAVORECEM A DESTRUIÇÃO E A MISÉRIA

A legislação no Brasil, em todos os governos, sempre favorecem grandes fazendeiros e pecuaristas, industriais e banqueiros. O Marco Temporal é um exemplo e expulsará a população indígena de suas terras, intensificará a crise humanitária para 1,7 milhão de indígenas no Brasil, a legalização “das violências” e o aprofundamento da miséria.

Já tem sido comum os governos e o empresariado de fazendas apostarem na “integração” dos povos indígenas para que habituem-se às práticas dos próprios opressores.

Um exemplo é o que vem ocorrendo em algumas regiões em que há oferta de dinheiro de “gente de fora da aldeia” para eleger o cacicado e as cacicas, para facilitar negociações e acordos com os interessados pelas terras já demarcadas ou não, pela mão de obra, pelos seus recursos naturais e minerais e pela participação parlamentar.

Na luta contra o Marco Temporal

no Congresso, as cacicas disputaram a titularidade dos seus territórios, denunciaram os vários crimes ambientais, a miséria e negociaram políticas públicas.

A BURGUESIA ROUBA, EXPROPRIA E MATA

A destruição da natureza com os desmatamentos, as queimadas para a exploração florestal, o aumento da pecuária e agricultura, para as extrações de recursos naturais e minerais (petróleo, gás, ouro, chumbo, ferro, urânio, nióbio, cassiterita, etc.) são a base para a sustentação de grandes empresários/empresárias (empresas de fazendas) e banqueiros/banqueiras nos diversos setores da economia.

E para manter o roubo, a expropriação, o trabalho escravo e os assassinatos das populações indígenas, esses setores contam com os governos, com a ilegalidade e a impunidade (01 conflito a cada 4 horas, Agência Brasil, 2023) no aumento de suas fortunas.

Famílias bilionárias de banqueiras como Vicky Safra e Ana Villela (Itaú) construíram e mantêm parte de suas riquezas (agropecuária, agrotóxicos, produção nióbio, etc.) sobre territórios Xavante (MT) e Guarani-Kaiowá (MS) e outras da extrema-direita como de Diana Fainstein (argila, cacau, etc.) sobre território Pataxó. Enquanto isso, mulheres indígenas como a Pajé Nega Pataxó (BA) seguem na luta pela vida, pelo seu território, cultura e ancestralidade.

Com tudo isso se nota a necessidade de desumanizar os povos indígenas, desde 1500. E a forma efetiva de acabar com um povo é dizimar suas mulheres e crianças. Nega Pataxó nos representa, mulheres organizadas em luta! Nega Pataxó, Presente!

➡ Pelo fim do extermínio das populações indígenas!

➡ Pelo fim da destruição e da expropriação de nossas riquezas!

➡ Contra o Marco Temporal!

MILEI É O APROFUNDAMENTO DO NEOLIBERALISMO

O resultado da luta de classes na Argentina e no Brasil exerce forte influência na América do Sul, isto é, o que acontece nesses países serve de alguma maneira como referência para a classe trabalhadora e para a burguesia dos demais países.

Essa é uma razão para acompanharmos atentamente o que acontece na Argentina e as propostas de Milei de aprofundamento do neoliberalismo, pois, caso consiga aprova-las, a burguesia brasileira tentará seguir na mesma direção.

UMA PROFUNDA CRISE ECONÔMICA E SOCIAL

Não vamos encher esse artigo com muitos dados econômicos (merecem um texto à parte), mas expor algumas conclusões, consensuais até mesmo entre os setores mais reacionários, sobre o aprofundamento da crise econômica Argentina que é o pano de fundo das atuais indefinições políticas.

O país tem uma dívida externa que compromete mais de 80% do PIB nacional, uma inflação anual de 211%, altas taxas de informalidade dos trabalhadores, desvalorização dos salários (que não acompanham a inflação), em 2022/2023 a produção agropecuária foi bem abaixo dos anos anteriores por conta da seca (provocada também pelo desmatamento e avanço do agronegócio). A soma desses problemas levou a uma queda do PIB/2023 de aproximadamente 2%.

A soma desses problemas econômicos produziu graves consequências sociais no país. A taxa de pobreza alcança 40% da população (18 milhões de pessoas) e 10% são indigentes (quando não acessam nem a alimentação básica), a maioria das crianças vive na pobreza, com aumento dos alugueis 1,2 milhão de pessoas moram nas “villas miseria” (favelas), os serviços públicos deterioraram, a criminalidade aumenta, na juventude aumenta a dependência às drogas e o poder do tráfico está maior nas periferias.

Todos esses problemas, evidentemente, transformam a Argentina num barril de pólvora. E a burguesia sabe dos riscos de uma

convulsão social.

A BURGUESIA ESTÁ DIVIDIDA EM COMO APLICAR SEUS PLANOS

Toda crise traz consigo a questão das alternativas e de como as classes sociais vão buscar superá-la. Do ponto de vista da burguesia é preciso encontrar uma forma que garanta seus lucros e ao mesmo tempo mantenha a classe trabalhadora sob controle. Isso poderia ser por algumas concessões econômicas, mas por conta da crise estrutural do capital está cada vez mais raro conceder alguma coisa. Ou pode ser com a repressão para impor ajustes econômicos duros.

Milei é de extrema-direita, fruto da profunda crise que os partidos e o regime político estão inseridos. Foi eleito com um discurso reacionário e de defesa da ditadura para atacar todos os direitos sociais, trabalhistas e os programas sociais para os mais pobres. Isso demonstra que no capitalismo os governos não conseguem impor medidas duras com democracia. Milei defende fechar o regime político, aplicar esse duro ajuste econômico em nome do déficit zero, incluir a privatização das principais empresas públicas, impor contratos de alugueis pelo dólar, retirar benefícios sociais, aumentar as tarifas públicas, diminuir repasses de verbas para as Províncias, cortar o orçamento da Saúde, Educação, etc.

A tentativa é de impor também medidas antidemocráticas como o “protocolo de Patricia” que proíbe as manifestações de ruas, maior controle policial e obriga as entidades a pagarem os gastos com a repressão às manifestações e ameaça com processos judiciais quem aderir aos protestos. Essas medidas permitem que se imponha como um Bonaparte (acima das instituições) e governe sem o Congresso Nacional e com superpoderes.

Esse era o plano de governo de Milei, mas, esqueceu de combinar com a burguesia que é quem de fato “dá as cartas”. Milei é só um funcionário dessa classe social e em uma situação ideal esse plano seria muito bom para seu governo e para a



sua classe. No entanto, traz riscos de uma convulsão social no país e não só contra o governo, mas também contra a burguesia. A ditadura militar os ensinou que a ordem e os ajustes econômicos podem ser sustentados através da repressão e podem precipitar uma crise, colocando o próprio sistema em risco.

Se, num primeiro momento, Milei tinha conseguido negociar alguns apoios no Congresso para aprovação parcial da “Lei ônibus” (altera ou revoga várias outras leis), uma semana depois, foi obrigado a recuar e retirar o projeto da pauta de votação por falta de apoio de deputados. Isso representou uma derrota para Milei.

O Poder Judiciário também não endossou o projeto de Milei e impôs restrições ao “protocolo anti-piquete” de Patricia Bullrich. A Suprema Corte também declarou a inconstitucionalidade da Reforma Trabalhista, que era parte do DNU (Decreto de Necessidade e Urgência). São reverses importantes e contribuem para fragilizar o plano de Milei.

A oposição de parte do Congresso Nacional e do Judiciário, na verdade, é o reflexo da divisão política da burguesia Argentina, que está de acordo em aplicar o ajuste econômico de “cima para baixo” como quer Milei e setores como o agronegócio, mas, ao que parece, a maioria prefere “ir por partes” e também manter o Congresso Nacional como um protagonista político.

Milei ainda não conseguiu convencer a totalidade da burguesia em de seu projeto político e econômico e com isso a crise política tende a continuar.

NOVA SITUAÇÃO POLÍTICA NA ARGENTINA?

A eleição e posse de Milei colocou a possibilidade de uma mudança qualitativa na situação política Argentina. De fato, obteve um apoio

eleitoral importante para, segundo ele, reconstruir o país baseado numa política de arrocho contra a classe trabalhadora e aprofundamento das medidas neoliberais. Foi nessa perspectiva que apresentou várias de suas propostas econômicas, acompanhadas de medidas antidemocráticas.

Mas, por falta de apoio do conjunto da burguesia e pela resistência da classe trabalhadora, foi obrigado a recuar e obteve uma derrota marcante. Isso colocou novos elementos na conjuntura.

O plano de “governar por cima” naufragou e, nesse momento, é pouco provável que consiga governar sem o Congresso Nacional e, conseqüentemente, com setores da burguesia representados no parlamento como era sua intenção inicial.

Sem desconsiderar que Milei tenha alguma força política, pois ainda é apoiado por vários setores da sociedade, sua derrota foi um fato e irá tentar corrigir a rota.

A derrota de Milei no parlamento pode ser explicada pela crise política marcada pela falta de legitimidade da democracia representativa burguesa, na qual nenhum partido consegue amplo reconhecimento, apoio popular e impor a possibilidade histórica de uma ditadura. Assim, quando há divergências no interior da burguesia, as crises políticas se instalam e criam esses impasses como o atual.

Esses fatos, por si sós, em apenas dois meses, indicam uma nova mudança na situação política da Argentina, mas a presença do movimento social nas ruas é um elemento importante na qualidade desse processo. Mesmo com a pouca vontade da direção da CGT (principal central sindical do país) a greve geral de 24 de janeiro e as várias

manifestações pelo país foram muito fortes.

É necessário mais e não podemos ter a ilusão de que a maioria da direção do movimento quer seguir com a luta, pois é burocrática e sempre procura o caminho da conciliação mesmo que a extrema-direita esteja no poder.

No entanto, apesar dos limites, a retomada do movimento social tem colocado a possibilidade concreta de construção de uma alternativa de esquerda para enfrentar os planos da extrema-direita Argentina e também superar, sob a perspectiva da classe trabalhadora, a crise da democracia burguesa.

É, portanto, uma nova situação política que está marcada pela incapacidade da burguesia em estabilizar a democracia parlamentar, da ultradireita em não ter conseguido construir uma aliança para se impor na realidade e pela classe trabalhadora ainda não ter força para se colocar na disputa pelo poder.

QUAIS CENÁRIOS SÃO POSSÍVEIS NO FUTURO PRÓXIMO?

Milei ainda é o governo e tem alguma base de apoio na juventude, em parte da classe trabalhadora e sobretudo nos setores médios da sociedade. Ou seja, vai continuar tentando implementar o seu programa. Nesse sentido, há algumas possibilidades:

➤ Num primeiro cenário: Cumprir suas promessas de governar por decreto, ignorando parte do parlamento que resiste às suas ofensivas. Seria um regime bonapartista que, como dissemos, não é o regime que a grande burguesia Argentina aposta no momento. Essa “solução” também dependeria das Forças Armadas e não há possibilidade de apoio militar nesse momento. A burguesia recorre a soluções como o bonapartismo em casos mais excepcionais como conter as explosões sociais, algo que, por agora, não está ocorrendo.

➤ Num segundo cenário: Caso a inflação abaixe até níveis toleráveis, a recessão abrande, as exportações (agricultura, petróleo e minérios) aumentem a entrada de dólares, a situação fiscal melhore, faça

algumas concessões e seu governo se fortaleça e consiga repactuar a governabilidade. Pouco provável esse cenário vingar. Primeiro, pela profundidade da crise econômica. Segundo, por necessitar impor uma derrota ao movimento social (em especial aos sindicatos). E, terceiro, pela grande fragmentação política difícil de encontrar pontos que unam as diversas frações políticas burguesas.

➤ Uma terceira possibilidade: A situação se decompõe rapidamente com salários sendo devorados por uma inflação ainda maior, com a recessão reduzindo as receitas, com os preços subindo ainda mais, a pobreza atingindo a maioria da população e o governo buscando aplicar mais os ajustes.

Essa é uma hipótese que aumenta as possibilidades de um levante social, como foi em 2001. Nesse caso, abririam mais três possibilidades: 1) O congresso afastar Milei, mas, com a crise de legitimidade não há uma liderança política com força para “pacificar” a situação, unificar a burguesia e o sistema se restabelecer; 2) Uma tentativa de golpe de Estado e a imposição de uma severa repressão à classe trabalhadora; 3) A consciência de classe da classe trabalhadora dar um salto e se colocar como a alternativa política e social.

Nesse momento, não há no horizonte uma solução para a situação Argentina a curto prazo. Assim, o mais provável é a continuidade da crise econômica com suas conseqüências sociais; a burguesia manter uma unidade mínima; a classe trabalhadora ser empurrada para lutar e defender a sua própria existência material de forma que a temperatura da luta de classes continue alta.

E, em qualquer desses cenários, a chave é os trabalhadores de conjunto se reconhecerem como classe social, desenvolverem sua consciência de classe para se defenderem dos ataques e avançarem na luta contra a burguesia e o sistema capitalista, causa última de todos os problemas sociais. Nesse sentido, o movimento operário e popular vai ser decisivo para a conformação de um amplo movimento de esquerda anticapitalista.



ESTUDANTES DA UFRJ SE MOBILIZAM POR MELHORIAS NO PRÉDIO

A luta estudantil na UFRJ tem sido construída contra as instâncias da instituição que não dialogam com o corpo discente. Atualmente, estudantes frequentam os campi com medo pela infraestrutura prejudicada, resultado do descaso e falta de manutenção.

Nos últimos 10 anos, a verba destinada à instituição tem sido cortada. No governo do genocida Jair Messias Bolsonaro, porém, os cortes chegaram a uma situação extremamente crítica. No governo atual de Lula-Alkimin a prática de cortar verba da educação permanece. Persiste o sentimento de incerteza quanto ao futuro da universidade. Além disso, a situação estrutural dos prédios da UFRJ compromete a produção de ciência do país.

Ao encararem essa realidade, alunos do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) iniciaram no segundo semestre do ano passado um processo de luta por reformas estrutural e elétrica urgentes, visto que o prédio tem o risco iminente de pegar fogo, assim como aconteceu com o Museu Nacional localizado na Quinta da Boa Vista onde funcionava a Pós-graduação de Antropologia.

ESTUDANTES SE ORGANIZAM

Após o prédio ficar sem luz em alguns andares, mais de uma vez no ano e com o quadro de energia sando faíscas, os estudantes sentiram a necessidade de se manifestarem exigindo condições adequadas para estudarem. Entre os meses de outubro a dezembro foram realizadas diversas assembleias, entre elas 2 comunitárias com todos os setores atuantes no prédio. Com a omissão da direção e da reitoria foi decidida, em assembleia, a radicalização na luta e ocupação do gabinete da direção.

A atual direção do IFCS- IH tem falado do desejo de somar na luta, mas até agora se omitiu e mentiu para os estudantes. Em uma reunião da instância superior da Universidade que controla a verba dos campi, foi

revelado que a UFRJ devolveu mais de 30 mil reais de verba não utilizada, o que causou revolta nos estudantes e professores presentes, afinal no IFCS-IH falta até mesmo assento nos vasos sanitários.

Sabemos que 30 mil reais é pouco, pois só a reforma é estimada em R\$12 milhões pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Entretanto, era possível realizar várias melhorias com a verba devolvida. Além disso, o IFCS-IH é dividido com outro o Instituto de História, que também devolveu verba, o que totalizou 70 mil reais. Após pressão da luta estudantil, a direção disse que pediria essa verba devolvida e seria destinada para a instalação de placas de segurança, em casos de incêndio, pelo prédio, porém, até hoje, essa promessa não foi cumprida. Os estudantes continuam questionando “Para onde foram os 70 mil?”.

A precariedade da UFRJ se revela em todos os campi. Ter o teto ameaçando cair tornou-se uma situação rotineira no CCS (Centro de Ciências da Saúde), por exemplo. Com todos esses eventos, a reitoria permanece omissa e age apenas quando há mobilização estudantil.

REITORIA SÓ ENROLA

No IFCS, após a ocupação ser iniciada e ser mantida por 1 mês, a reitoria realizou duas visitas ao campus com a proposta de dialogar com os estudantes. A primeira ida da reitoria, em 24/10/23, foi uma farsa, uma visita midiática que produziu ótimas fotos e promessas, mas nenhum avanço efetivo e garantia de melhoria na estrutura do prédio.

A segunda visita da reitoria ao campus foi no período de recesso. Memo assim, os estudantes da ocupação estavam presentes em peso para pressionar a assinatura de um termo de compromisso da atual gestão da reitoria para agilizar o processo burocrático de destinar parte da verba anual para as reformas necessárias no campus.



A luta estudantil do ano passado não se resumiu apenas a reivindicações sobre as reformas que o prédio necessita. Há também o apoio aos trabalhadores terceirizados da limpeza (empresa Construir) que atrasa salários afetando a qualidade de vida e o acesso a alimentação dos trabalhadores e exigindo a quebra de contrato entre a UFRJ e essa empresa com urgência.

Mesmo nas férias, os estudantes não cessaram as mobilizações: foram às ruas para disputar a emenda parlamentar do deputado federal Glauber Braga (PSOL) 1,5 milhão de verba e conseguiram. O dinheiro será destinado às obras das reformas estruturais que o IFCS precisa. Em suma, nota-se que a ação e a luta dos estudantes ajudaram mais para as reformas do que os esforços da direção do IFCS-IH e da reitoria.

LUTA QUE SEQUE

As reformas elétrica e estrutural não se iniciaram, porém, a luta estudantil não acabou com o fim da ocupação no gabinete da direção e as mobilizações não irão cessar até produzir ciência nesse país com dignidade, sem o risco de perder a vida. No ano de 2024 a radicalização permanecerá guiando as ações políticas dos estudantes que prezam e acreditam que só a pressão funciona e gera resultados. A luta estudantil vale a pena quando construída em um ambiente de coletividade que se baseia nas necessidades da base.

Os estudantes realizarão a primeira assembleia do ano no início das aulas, para discutir as promessas não cumpridas pelos órgãos da UFRJ. Não irão conseguir parar os estudantes até todos os pedidos serem atendidos. Haverá luta organizada e radical SIM!

A IDOLATRIA AOS ARTISTAS NO MUNDO CAPITALISTA: EXPRESSÃO DA NECESSIDADE DE LUCROS

Você não deve saber sobre mim (You must not know 'bout me)
Eu terei outro você amanhã (I'll have another you by tomorrow)
Então, nem por um segundo pense (So don't you ever for a second get to thinking)
Você é insubstituível (insubstituível) (You're irreplaceable (Irreplaceable)
"Irreplaceable - Beyoncé"

Em 21 de dezembro de 2023, a cantora Beyoncé apareceu de surpresa em Salvador para o lançamento de seu filme "Renaissance: a film by Beyoncé", em um evento na capital baiana, foi ao palco e falou algumas palavras, o que fez todos os noticiários destacarem esse curto episódio e se tornar um dos assuntos mais comentados nas redes sociais.

Beyoncé é uma das artistas pop mais relevantes da atualidade, está há décadas no mercado da música, com muitos sucessos e é a maior vencedora do Grammy. Enquanto mulher negra, além de enfrentar racismo e misoginia, soube lidar bem com o uso de sua imagem, talento musical e habilidade de gerenciamento de sua carreira para alcançar esses status.

Porém, cabe refletir o que artistas como ela podem impactar tanto as pessoas a ponto de gerar tanta comoção?

Primeiro destacamos que usamos Beyoncé somente como exemplo de tantos artistas que foram e que são tratados com um fanatismo acrítico.

Segundo, ponderamos que há vários elementos para tentar responder essa pergunta; Marx já elaborou sobre diversos processos alienantes das formações ideológicas, sejam elas no campo jurídico, político, artístico, religioso e filosófico. Toda forma de abstração da realidade

pode levar ao risco alienante de desenvolver ideias que buscam produzir argumentos e discursos para acalantar a dor e sofrimento de viver a realidade opressora no capitalismo, e ainda mais, pode definir como objetivo de vida, idolatrar pessoas e segui-las (foi destacado na internet que um fã seguia o jatinho de Beyoncé em um aplicativo e soube que ela chegou na capital baiana antes dos anúncios na mídia) como objetivos de vida, colocando suas necessidades materiais (e de sua classe também), em segundo plano.

Outro elemento importante é trago por vários teóricos posteriores à Marx, como Adorno e Horkheimer e sua produção sobre a Indústria Cultural. A qual inclui de forma explícita artistas populares que produzem músicas direcionadas a alcançar o público e destaque no mercado da música como forma de lucro, deixando em segundo plano, a proposta de produção artística que busque expressar as adversidades da experiência humana e experimentações musicais que sejam cada vez mais criativas e possibilitadoras de novas experiências sonoras.

Todos os artistas pop seguem essa lógica, resgate de antigas tendências sonoras como formas de "homenagem" e com produções megalomaniacas para estimular o público e fomentar essa imagem de inalcançável, a ponto de serem ocultadas todas as críticas a eles. Cabe destacar, por exemplo, que em 2016, Beyoncé foi acusada de que sua marca de roupas Ivy Park, usava mão de obra escrava no Sri Lanka...

Destacamos que o interesse em ouvir e gostar de artistas e suas músicas, ainda que mais voltadas ao comércio, não é algo que deve ser proibido nem repudiado, em certa



medida, viver experiências de alegria e diversão com todos os tipos de música também se faz necessário para lidar com a dura condição da classe trabalhadora.

A necessidade de ter suas rodas de samba e bailes funk ao final da tarde e aos finais de semana, são momentos para que a nossa classe possa descansar também de nossas lutas diárias. Reforçamos aqui que a questão em debate é a forma de idolatria às figuras artísticas (bem como ocorre com entidades religiosas, políticas e juízes, etc.), que leva ao fanatismo e fã-clubes (inclusive se organizam com nome e identidade visual, como os Beyhives) que dedicam as suas vidas a acompanhar os artistas, lhes colocando num pedestal inalcançável e de perfeição, sem disposição a aceitar que se tornam grandes figuras de exploração humana com suas empresas, imagem usadas por marcas para aumento de vendas e produção de música para alcançar o topo das paradas, ou seja, se tornam mais produtos que sua própria música.

Não é incomum acompanharmos diversos artistas viverem sob o uso abusivo de drogas, desenvolverem comportamentos excêntricos e viverem sob exploração de empresários. Afinal a imagem que mostram de sua vida se torna totalmente vendável e retira a humanidade dessas pessoas, importando-se mais o que se mostra do que se é.

Ao fim, a idolatria no mundo capitalista é direcionada sempre ao mesmo objetivo: às mercadorias e ao lucro.

O GENOCÍDIO DO POVO PALESTINO SEGUE E O MUNDO EM SILÊNCIO

O conflito em curso entre o Estado de Israel e o Hamas vem ganhando contornos cada vez mais cruéis. Está em andamento o extermínio dos palestinos em um espetáculo transmitido pela mídia a um mundo insensível ao sacrifício de mulheres e crianças na Faixa de Gaza. Este genocídio conta com o apoio das grandes potências do Capitalismo. Em jogo está a proteção irrestrita a Israel, parceiro dos Estados Unidos nesta região tão rica em petróleo.

Em 7 de outubro de 2023, centenas de combatentes do grupo Hamas atacaram kibutz, postos militares e uma rave que acontecia próxima a Faixa de Gaza, a maior prisão a céu aberto do mundo. Desde então, Israel perpetrou uma resposta desproporcional matando, com requintes de crueldade, alvos civis em hospitais e escolas. Se nada pareceria chocar a opinião pública que vê no Hamas um grupo “terrorista”, Israel conseguiu gerar pudores nos comentaristas da Globo pró-EUA ao anunciar em dezembro de 2023 que estava fazendo testes com água salgada para inundar os túneis por onde a população de Gaza poderia escapar dos bombardeios. A água salgada contamina os lençóis freáticos, condenando a região a se tornar seca.

Cortar o acesso da população de Gaza à água é prática recorrente por parte de Israel. O Estado sionista já concretizou poços de água para matar os palestinos de sede, após pouco mais de 3 meses da ofensiva do Hamas. Alguma dúvida de que há um projeto de extermínio dos palestinos a médio prazo, mesmo ao cessar este conflito?

As ações do HAMAS são a resposta, não a causa dos conflitos

O conflito entre palestinos e sionistas é histórico. Cabe aqui um parêntese para distinguir Sionismo de Judaísmo.

Sionismo é uma doutrina política de ultradireita que prega que a Terra Prometida aos judeus é a Palestina e eles devem expulsar todos os que lá

vivem. E matá-los não é proibitivo, conforme consta na Bíblia.

O Judaísmo é uma religião, mais uma das várias que são vigentes naquela região do mundo, o Oriente Médio. É a mais antiga religião monoteísta do mundo, tendo sido fundada, conforme a crença, por Abraão há cerca de 4 mil anos. O nome de Abraão sintetiza uma compilação de costumes que formam as práticas dos judeus, uma das inúmeras religiões daquele lugar. O Cristianismo surge exatamente onde hoje é a Palestina, 2 mil anos depois. A princípio foi uma seita do Judaísmo. Hoje, apenas 6% da população palestina é cristã.

A imensa maioria dos palestinos é islâmica, o que faz parecer que a raiz dos conflitos é religiosa. O Islamismo surgiu na Península Arábica no século VII. Por sua crença o anjo Gabriel teria aparecido a Maomé. O mesmo anjo figura nas três religiões dos povos semitas (segundo a Bíblia, os povos descendentes de Noé). Semita é, na verdade, um grupo linguístico que abrange vários povos com as mesmas origens culturais.

O Sionismo, e não o Judaísmo, está atacando o povo palestino. Judeus ortodoxos, inclusive, se opõem a ocupação do exército israelense por considerarem que o Messias, quando chegar, é quem conquistará a Terra Prometida.

No entanto, muito antes de 1948, ano da criação do Estado de Israel pela ONU, judeus já ocupavam o espaço dos árabes, através do estímulo a sua imigração para a Palestina com a proteção da Inglaterra que controlava a região. Evidentemente ninguém é santo nessa história: europeus queriam se livrar de judeus e sionistas queriam sua pátria. Os árabes também não quiseram ser mártires: em 1936 ocorreu a Revolta Árabe, uma greve geral contra o colonialismo britânico e a imigração judaica.

Hoje, a mídia burguesa quer nos convencer de que foram os árabes que começaram os conflitos, por não aceitarem a criação do Estado de

Israel. E recentemente Lula fez uma declaração até modesta, afirmando que o que ocorre hoje em Gaza é um verdadeiro genocídio perpetrado pelo Governo Sionista de Israel contra o povo palestino. Comparando isto com o verdadeiro projeto de extermínio dos Judeus feito pelo nazismo na Segunda Guerra Mundial. E rapidamente vários setores desta mesma mídia, vieram e atacaram a fala daquele, com alguns chegando a dizer que Lula estaria ao lado dos “terroristas” do Hamas.

A DIFÍCIL SOLUÇÃO DESTE PROBLEMA EM RAZÃO DE ANTIGOS FATOS HISTÓRICOS

Nos últimos 75 anos, Israel transformou Gaza em um gueto e hoje já ataca a Cisjordânia, aumentando os assentamentos ilegais na região. O Hamas é um dos grupos mais representativos da Faixa de Gaza, mas tem apoio dos árabes e muçulmanos também. Hamas, Fatah, Jihad Islâmica, Comitês de Resistência Popular de Gaza e os Houthis do Yêmen, dentre outros, são fruto da reação a um opressor.

Muitos com forte elemento religioso (já que os grupos socialistas da região sofreram grandes baixas na região) o que eles têm em comum é a defesa de sua soberania. E a luta por sua sobrevivência.

Os desdobramentos de todos estes conflitos prometem ser os piores possíveis, agora envolvendo o Irã, notório inimigo dos Estados Unidos, assim como o Líbano, a Síria, o Paquistão, o Iraque, o Iêmem. Como se vê, o conflito se espalha, fomentado pela ganância capitalista, materializada hoje por um racismo desmedido contra palestinos e aliados.

➡ Que o governo Lula rompa relações diplomáticas, comerciais e militares com Israel

➡ Por uma Palestina livre, do rio ao mar!

➡ Por uma Palestina laica, assim como os demais Estados da região!

➡ Fim do Estado Terrorista e Sionista de Israel!